

LAUDELINO DE OLIVEIRA LIMA

# SURMIINDO HACKER

UMA BRINCADEIRA DE GEEKS EXPLODE UMA  
GUERRA ATÉ ENTÃO TRAVADA NOS BASTIDORES

LAUDELINO  
OLIVEIRA DE LIMA

# SUBMUNDO HACKER

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Preparação **TUCA FARIA**  
Revisão **GABRIELA DE AVILA**  
Ilustrações de capa **LUCIANO CUNHA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Lima, Laudelino de Oliveira  
Submundo hacker / Laudelino Oliveira Lima. —  
São Paulo : Faro Editorial, 2021.  
288 p.

ISBN 978-65-5957-022-5

1. Ficção brasileira 2. Suspense I. Título

21-2257

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira



1ª edição brasileira: 2021  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310  
Alphaville — Barueri — SP — Brasil  
CEP: 06473-000  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



# 1. A INCURSÃO

RIO DE JANEIRO, 20 DE MAIO. QUARTA-FEIRA, 1H43.  
RUA SETE DE SETEMBRO. CENTRO

O local estava deserto. Mendigos dormiam sob os seus cobertores, protegendo-se como podiam do chuvisco, e a única coisa que se ouvia era o som distante de algumas buzinas.

Ela caminhava apressadamente em direção à portaria do edificio número 99. Com o seu cabelo loiro na altura dos ombros, o corpo esguio e bem cuidado, destoava da paisagem sombria. Usava um refinado *tailleur* branco de saia curta e bolsa da mesma cor.

Ao desviar de um grupo de quatro mendigos deitados na calçada, ela foi para o meio da rua. Parou na frente do prédio e, com o rosto meio coberto pelo cabelo, constatou que a pessoa sentada no fundo da portaria notara a sua presença. Tudo estava prestes a começar. Havia apenas uma chance de dar certo, e dependeria da previsibilidade da natureza humana.

Ela respirou fundo e fez um aceno para o porteiro que se levantou e foi ao seu encontro. Ela desatou a falar:

— Meu Deus, estou perdida! Tenho que ir embora. Saí tarde do trabalho... Não sou daqui, tudo o que sei é o nome do hotel. Eu deveria ter encerrado o expediente mais cedo. A rua está cheia de vagabundos que falam um monte de besteiras... Preciso pegar um táxi. Me ajuda, moço, estou apavorada!

— Calma, minha senhora, calma!

— Estou muito nervosa. O senhor sabe onde posso pegar um táxi?

— Ali na esquina sempre passa.

Ela pegou a mão dele e a colocou sobre o seio esquerdo. Sentiu que o porteiro gelou e começou a respirar diferente.

— Moço, olha como o meu coração tá acelerado.

— Não só o seu, dona...

— É que estou muito aflita mesmo. O senhor parece uma boa pessoa... Me faz um favor?

— Claro, até dois!

— O senhor poderia ficar olhando aqui da calçada, enquanto eu pego um táxi ali na esquina?

— Como assim, moça? Eu não posso sair da portaria.

— É só ficar aqui me olhando! — Puxando-o pelo pulso, ela andou cerca de dez metros. — Aqui, moço, fica parado e de olho em mim enquanto eu tento pegar o táxi lá na esquina.

— Então vai logo que não posso sair da portaria. — Ele se virou para trás; a rua estava vazia.

Ela seguiu em direção à avenida Rio Branco, de cabeça baixa, olhando para o bueiro logo adiante. Acertou a passada, de maneira que chegasse com a perna correta e, ao pisar, levou o calcanhar para trás, enganchando o salto no bueiro. Começou a se movimentar falsamente tentando soltar o pé, e gritou:

— Moço, me ajuda! O meu sapato tá preso!

— Não posso sair daqui! Tire o sapato do pé.

— Mas não consigo! Venha me ajudar!

— Não posso.

— Me ajuda! Vem aqui e puxa a minha perna!

— Já disse que não posso. — Nesse instante, a ideia de colocar as mãos nas pernas daquela mulher começou a ficar interessante.

*Puxar a perna?*, pensou ele. *Vou é meter a mão naquelas coxas agora mesmo.* E o porteiro foi até ela, em passo acelerado, ainda sem acreditar na situação. Colocou as mãos na perna daquela linda mulher e a puxou. Continuou presa. Ele tornou a puxar, dando trancos, e a cada tentativa as suas mãos subiam. O porteiro começou a sentir a renda de algo que deveria ser a cinta-liga. Ofegante, já não fazia questão nenhuma de que o salto se soltasse.

Olhando por cima do ombro do seu herói, a mulher viu que os mendigos tinham desaparecido, e uma furtiva ponta de cobertor cinza denunciava a veloz entrada no prédio. O seu trabalho estava concluído. Ela torceu o pé para a direita e retirou o

salto do bueiro. Agradeceu ao porteiro e foi andando para buscar o seu táxi, resmungando algo como “O Smoke vai me pagar caro por esta noite”.

O porteiro esperou que ela partisse, e lentamente retornou ao seu local de trabalho com um sorriso no canto da boca. Coçou a cabeça, sem acreditar. Trancou a porta. Olhou mais uma vez para a rua, sentou-se no seu banquinho, consultou os monitores e desligou a televisão. Ainda sentia nas mãos o suave perfume da sua dama da noite.

---

Hallcox subia correndo as escadas, seguido por Tumumbo, Mr. Fat e Ponytail. Cada um carregava o seu cobertor embolado embaixo do braço através da escuridão, empunhando as suas pequenas lanternas, até chegarem à porta corta-fogo de acesso ao nono andar.

Antes de sair das escadas, eles calçaram luvas descartáveis e entraram. Logo à esquerda estava a grande porta de vidro com a inscrição “Operadora HASP & JES”. Ponytail sacou um grande molho de chaves, abriu a porta, deixando os amigos passarem, e correu até a escada para conferir se não havia ninguém subindo. Apurou a audição por alguns segundos — apenas silêncio. Voltou para a empresa, trancou a porta e, com dois leves tapas nos ombros de Mr. Fat, disse:

— Podemos começar!

Mr. Fat retirou a grande mochila que trazia às costas, colocou-a no chão e abriu o zíper. Sacou quatro ventosas que tinham o tamanho de uma mão e prendeu-as na parede acima da porta. Retornou à mochila, retirou um enorme pano escuro e o prendeu nas ventosas. Nenhuma luminosidade passaria para o corredor.

Transpirando bastante àquela altura, Mr. Fat passou a fechar todas as persianas. Ao tatear entre as mesas, derrubou algumas cadeiras. Restavam as duas grandes janelas que davam para o centro do andar, que não possuíam persianas, mas para essas também estavam preparados panos e ventosas.

Hallcox e Tumumbo subiram para o décimo andar pelas escadas internas da empresa, e Ponytail desceu para o oitavo, para, do mesmo modo, escurecerem os andares conforme o planejado. Tudo ficou pronto em cinco minutos. Eles transpiravam, ofegantes. Não estavam habituados a trabalhos de campo, e desde o seu primeiro contato com Smoke, a vida de *hacker* ganhou uma nova dimensão longe das máquinas.

Ponytail ligou o circuito elétrico das luzes e dos computadores no quadro de disjuntores do andar. As salas ficaram claras como o dia.

Hallcox escutou o estalido dos estabilizadores de cada computador. Da sua mochila, retirou três embalagens que continham aproximadamente cem CDs cada. Tumumbo

o ajudou a colocar um CD em cada computador. A tarefa era mecânica: ligar, ejetar a bandeja do CD-ROM, colocar o CD, fechar a bandeja e correr para o próximo computador. Tinham trezentas e dez máquinas e vinte minutos para completar a tarefa. Eles haviam memorizado as plantas dos andares e um caminho ótimo entrando e saindo de todas as salas. Terminariam no datacenter, que ficava no oitavo andar.

Ponytail utilizou o seu crachá de acesso para abrir a porta da sala de servidores e colocou um calço para que permanecesse aberta. Ele e Mr. Fat trabalhariam nos poderosos servidores. Aparentemente o objetivo era simples: invadir a empresa; fechar todas as persianas; ligar eletricidade e luzes; ligar cada computador e carregar um programa; colocar todos os computadores para trabalhar como um só e somar esse poder de processamento para quebrar uma senha.

Ponytail sentou-se para iniciar a exclusão do registro da abertura da porta do datacenter e passou a digitar freneticamente dezenas de comandos.

Naquele momento, Hallcox entrou na sala correndo, pegou outro molho de chaves com Ponytail e perguntou:

— Qual é o endereço IP?

— É 200.223.28.1 — respondeu Ponytail. — Tudo certo por enquanto?

— Sim, tudo ok.

— Beleza, agora é com você. Abasteça o nosso amigo lá fora.

Hallcox correu até a porta de vidro, abriu-a sem fazer ruído e foi subindo até o último andar do prédio. Destrançou a porta de emergência que dava acesso ao terraço e saiu. Um vento gelado atingiu-lhe o rosto. Rapidamente ele tornou a fechar a porta, cortando o deslocamento de ar, que poderia chegar ao térreo e chamar a atenção do porteiro. Olhou os prédios em volta cheios de letreiros luminosos, que faziam a sua pele mudar de cor conforme as luzes. O céu estava nublado, e era prazeroso ter o ar, naquela altura parecendo mais limpo, entrando nos pulmões. Existia uma beleza naquele mar de prédios vazios aguardando o amanhecer e o ritual diário de ocupação humana. Aquilo se repetia por décadas, e para ele não fazia sentido.

*As tecnologias quebrariam esse paradigma*, Hallcox meditava enquanto caminhava pelo terraço até uma pequena passarela de escape construída em aço e que dava acesso a outro edifício. Ele a atravessou e seguiu adiante, iluminando o caminho e tomando cuidado para não tropeçar em algum fio ou o que quer que fosse. Terraços não são os lugares mais organizados de um prédio.

Ele abriu o cadeado da passagem de emergência para o terceiro e último prédio, tornou a percorrer toda a extensão do terraço e abriu a porta que dava acesso interno às escadas do edifício. Entrou e desceu quatro andares até a sala 1512. Abriu-a e

deixou a chave do lado de dentro da fechadura. Estava preparada a rota de saída, com todo o caminho livre para a sala que serviria de abrigo até o horário comercial.

Ao retornar, Hallcox reparou numa silhueta no terraço do prédio no outro lado da rua. Um homem de cabelo grisalho ao vento, com um cigarro aceso pendurado na boca. Ele mexia numa pequena antena parabólica portátil que apontava diretamente para uma antena do edifício em que eles estavam. Uma tênue luz indicava que um notebook estava ligado próximo a ele.

Aquele vulto só poderia ser Smoke cumprindo a sua parte da missão: receber a primeira transmissão da empresa que acontecia sempre que os servidores eram ligados, interceptá-la e fazer a entrega para os seus meninos quebrarem a criptografia. Essa lembrança fez Hallcox se dar conta de que ainda não tinha passado o endereço IP para Smoke. Então, rapidamente escreveu um sms. O rosto do homem, iluminado pela luz do celular, confirmou a sua identidade.

O celular de Ponytail vibrou informando que a rede WI-FI montada por Smoke estava disponível. Isso significava que ele conseguira interceptar a primeira comunicação entre a empresa invadida e a sua matriz.

Ponytail, em seu período de estágio infiltrado na empresa, descobriu que aquela senha era a mesma utilizada na matriz do grupo — que era fisicamente muito mais segura —, mas vinha sendo utilizada pela equipe que configurava os servidores no local. Ter essa chave era ter acesso à rede de toda a corporação.

Ponytail aceitou no seu celular a recepção do arquivo enviado por Smoke.

Como o único meio de entrada de dados no servidor, além da rede, era uma unidade de disquetes, eles optaram por utilizar um dispositivo eletrônico caseiro que lia o arquivo do celular e gravava em um disquete. Assim, Ponytail retirou o disquete do dispositivo, inseriu-o no servidor, digitou o comando para listar o que existia no diretório e olhou para os amigos à sua volta, dizendo:

— Senhores, é agora! Se a luz do drive acender será porque a unidade de disco está funcionando e nós conseguiremos ir adiante. Posso continuar?

Mr. Fat deu um forte tapa na cabeça de Ponytail ao responder:

— Vai, palhaço, aperta logo essa porra!

Ouviu-se o som da tecla sendo pressionada, mas a luz não acendeu. Hallcox levou a mão à testa, resmungando:

— Caralho de asa! Fodeu tudo!

Todos franziram a testa ao ver que Ponytail não conseguia disfarçar o sorriso.

— Calma, senhores, foi só um teste. Vocês me ouviram pressionando a tecla control. Agora eu vou apertar enter e aliviá-los da pressão que sufoca a mente dos homens fracos.



Foi a vez de Hallcox dar um tapa na cabeça de Ponytail, que não levava nada a sério.

— *Fiat Lux!* — disse Ponytail ao ver a luz do drive acesa com o monitor mostrando o conteúdo do diretório. — Senhores, assistam ao sopro dos deuses da tecnologia!

Mr. Fat ligou a energia dos switches, o que fez com que a rede comesse a funcionar e possibilitou a comunicação entre todos os computadores da companhia. Era chegada a hora de tomar posse daquela pequena fazenda de máquinas.

O esforço agora era para saber se todos os equipamentos estavam ligados, como o previsto.

Ponytail executou o seu programa, que apontava quais computadores não responderiam, e começou a falar no celular-rádio os seus respectivos números.

Hallcox estudara toda essa codificação por dias e tinha agora tudo em mente. Ele e Tumumbo deram prosseguimento à sua tarefa de colocar tudo em ordem. Por fim, Mr. Fat anunciou que apenas um computador não respondera, e Ponytail informou que ele pifara na véspera.

Restava agora levantar o Cluster, software capaz de fazer um número ilimitado de computadores trabalharem como um só. Todos estavam exaltados. Ponytail e Mr. Fat digitavam comandos nunca antes vistos por Hallcox; pareciam apostar corrida no teclado, eram mestres naquilo. Era um mundo novo.

Uma a uma, as representações gráficas das máquinas dentro do programa de Ponytail perdiam um círculo vermelho, e cada vez que isso acontecia, ele sorria e falava:

— Menos uma, gordo!

Mr. Fat fazia de conta que não escutava e continuava concentrado no seu trabalho. Ponytail, sabendo que ele não gostava, insistia em chamá-lo de gordo e parou apenas quando, distraído, recebeu mais um tapa na cabeça que quase o fez bater no monitor.

Logo a seguir, Mr. Fat anunciou:

— Tudo no ar!

— Estou carregando o arquivo do Smoke para a memória do servidor — informou Ponytail.

Foi quando, na rua, começaram os gritos. Todos estacaram. Hallcox correu para a janela e abriu uma pequena fresta da persiana para verificar. Imediatamente, uma voz vinda do celular-rádio ordenou:

— Fecha essa merda, cacete! Foi só uma tentativa de assalto. A área tá limpa. Continuem. — Era Smoke.

Mr. Fat passou, com todo o cuidado, a executar alguns comandos para validar o ambiente. Ponytail, ao notar a insegurança dele, pediu-lhe que repetisse, mas que, em vez de olhar para o monitor, olhasse para o switch e suas luzes. Todas estavam

apagadas. Mr. Fat ergueu a cabeça e pressionou enter. Os leds saltaram de uma completa escuridão para um piscar frenético. Era lindo. Lembrava uma árvore de Natal. Trezentas e nove luzes piscavam, sincronizadas. Estava ativo o Cluster trabalhando com um único equipamento de grande potência.

Hallcox chamou o calado Tumumbo para que fizessem a última parte do trabalho: retirar todos os CDs dos computadores, apagar as luzes e descobrir as janelas.

Todo o material e as mochilas foram levados por Tumumbo para a sala de fuga. As coisas estavam acontecendo conforme o planejado.

Havia duas horas que o Cluster começara a funcionar, e, até o momento, o consumo dos computadores beirava os 95%. Foram testados bilhões de combinações de senhas por minuto na tentativa de quebrar a criptografia. Com essa senha, eles descobririam tudo o que vinha sendo feito por aquela empresa em conluio com a pior geração de políticos da história do país.

Pelos cálculos de Ponytail, faltavam dez minutos para que a senha fosse quebrada ou que se esgotassem todas as possibilidades. Estavam todos sentados de frente para o único monitor ligado e aguardando o término do programa. Mr. Fat retirou uma luva para refrescar a mão suada quando, de súbito, um som alto de frenagem e vozes veio da rua. Todos se entreolharam. O som vinha da portaria do prédio onde se encontravam.

A voz de Smoke soou no rádio:

— Vocês têm companhia, e não é pouca.

## 2 . A FUGA

Pela janela, Mr. Fat avistou seis viaturas estacionadas desordenadamente em frente ao prédio, com policiais e transeuntes olhando para cima, e gritou para os amigos essas informações.

Sem perda de tempo, Hallcox saiu correndo pela escada interna, subiu para o nono andar e abriu lentamente a porta corta-fogo. Foi até a saída de incêndio e encostou a porta no batente, evitando fazer ruído. Quando olhou para baixo, no vão dos

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



**CAMPANHA**



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM AGOSTO DE 2021